

Vamos falar sobre o bebê

Let us talk about the baby

MARIN, I. K.; CARVALHO, M. T. V. de; ARAGÃO, R. O. de (Org.). *Quem é o bebê hoje: a construção do humano na contemporaneidade*. São Paulo: Blucher, 2022. 320 p.

*Diana Dadoorian**

Em pleno século XXI ainda é comum ouvirmos questionamentos acerca da efetividade do tratamento psicanalítico de crianças – e quando se trata de bebês, esses questionamentos se fazem ainda mais contundentes. Nesse contexto, cabe lembrar que até há bem pouco tempo se pensava que os recém-nascidos eram seres extremamente passivos, sem capacidade de estabelecer relações com o ambiente. Entretanto, o desenvolvimento de pesquisas que têm o bebê como seu objeto de estudo, sejam elas oriundas da teoria psicanalítica, da psicologia do desenvolvimento, dentre outras áreas, enfim, todas são unânimes em apontar o papel ativo e interativo do bebê e seu potencial social inato observado desde suas primeiras interações com os pais. Tais estudos revolucionaram o olhar que se tinha acerca do bebê, demonstrando inclusive que ele experencia sofrimento psíquico, além de físico. Com isso se abriu espaço para o surgimento de uma nova área de pesquisa e intervenção. Estamos diante do que se intitula a clínica pais-bebê, que tem como seu foco de trabalho o período que compreende a gravidez, o parto e os três primeiros anos de vida do bebê.

Seguindo o desenvolvimento deste interesse pela clínica dos primórdios da vida psíquica, foi criada no Brasil, em 2003, a Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê. A ABEBÊ surge assim a partir do desejo dos profissionais que trabalhavam em torno do bebê em sistematizar diversas ações relaciona-

* Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Doutora em psicologia clínica e psicopatologia/Université Paris-8. Coordenadora do curso de especialização em psiquiatria e psicanálise com crianças e adolescentes do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB). Membro da ABEBÊ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. d.dadoorian@gmail.com

das a pesquisa, ensino, formação profissional e assistência voltados ao bebê, considerando também o seu ambiente, seus pais e seus cuidadores.

Dentre os diversos objetivos da ABEBÊ, destaco especialmente a organização dos “Encontros da ABEBÊ”. Esses Encontros priorizavam o debate de temas relevantes e atuais, de interesse aos profissionais que atuam nos cuidados à primeira infância. Se reuniam especialistas brasileiros e de outros países, o que possibilitava rica troca de experiências expressas na pluralidade e na diversidade das reflexões teóricas e nas propostas de modos de intervenção apresentados, tanto na esfera da clínica, quanto na da prevenção. No que concerne aos profissionais brasileiros, tratava-se de um espaço privilegiado – senão o único existente – onde colegas de todas as regiões do Brasil podiam apresentar e debater suas propostas desenvolvidas sobre o bebê. Este fato, por si só, já justificava a relevância destes Encontros. A riqueza e a expressividade dos trabalhos apresentados eram cativantes, pois produziam um sentimento de esperança, demonstrando que é possível a construção de interessantes projetos interdisciplinares no nosso País para cuidar do bebê, de sua família e de seus cuidadores.

Ao final de cada Encontro um livro era produzido reunindo os trabalhos apresentados no evento em questão. Desta forma, o livro que é objeto da presente resenha: *Quem é o bebê hoje: a construção do humano na contemporaneidade*, organizado por Isabel Kahn Marin, Maria Teresa Venceslau de Carvalho e Regina Orth de Aragão, foi construído a partir da apresentação dos trabalhos do último Encontro da ABEBÊ.

Quando fui convidada para escrever esta resenha, me senti honrada e ao mesmo tempo vivenciei uma certa nostalgia, pois a ABEBÊ, associação da qual eu também fazia parte, infelizmente foi dissolvida no final de 2020. Desta forma, a publicação deste livro se apresenta ainda mais relevante, pois se refere ao registro da excelência dos trabalhos apresentados no seu último Encontro.

O título do livro é convidativo: *Quem é o bebê hoje*. Mesmo tendo sido o livro produzido a partir de pesquisas e estudos realizados antes da pandemia do COVID-19, a qual provocou mudanças radicais no mundo e nas subjetividades – a ponto de que ainda não temos condições de inferir por serem muito recentes – inclusive, alguns dos autores durante a escrita dos seus textos fizeram menção à pandemia as organizadoras do livro levaram em conta este fato ao propor os eixos com os quais o presente livro foi estruturado, tendo como fio condutor refletir sobre *a construção do humano na contemporaneidade*. A meu ver, esta proposta foi bem-sucedida.

O livro foi dividido em três partes, e em cada uma delas nos são oferecidas questões centrais no que tange a pensar sobre quem é o bebê hoje.

A primeira parte do livro trata do *atravessamento da tecnologia na vida dos bebês*. A contemporaneidade aqui se faz fortemente representada ao pôr em cena reflexões acerca da articulação entre a tecnologia e a construção da subjetividade dos bebês, assim como sua relação na construção da parentalidade. – tema que vai ao encontro da questão central deste livro: a construção do humano hoje.

A tecnologia é parte integrante das nossas vidas, do nosso cotidiano, e com isso provocou mudanças e transformações profundas que afetaram toda a sociedade, atingindo também as modalidades de interação entre as crianças e seus pais, gerando uma série de incertezas e dúvidas. De fato, já foi demonstrado através de pesquisas que os efeitos prejudiciais que o uso inadequado da tecnologia pode acarretar na construção das subjetividades das nossas crianças e adolescentes, sendo que com o bebê as consequências são ainda mais complexas. Entretanto, é importante também olhar esta questão por outro ângulo, isto é, pesquisar o uso que os pais e as crianças efetivamente estão fazendo desta nova ferramenta, ou seja, de que forma a tecnologia está sendo incorporada na vida das famílias e qual o grau de protagonismo dos pais e das crianças nesta relação. Neste contexto, a originalidade dos textos aqui apresentados está tanto em demonstrar situações em que o uso da tecnologia pode limitar o desenvolvimento integral do bebê, mas sobretudo, em nos convidar a refletir acerca das situações em que o uso da tecnologia pode ser um aliado na construção de laços entre as pessoas, nas mais diversas situações, como descreveremos brevemente a seguir.

Começamos essa reflexão a partir do bebê, com o poético texto do Celso Gutfreind, *Da tecnologia ao velho apego*. Este trabalho se baseia na reflexão psicanalítica sobre as características do desenvolvimento emocional do bebê, onde o aspecto relacional, o contato com o outro em sua integralidade, isto é, nos seus aspectos saudáveis e sobretudo naqueles menos saudáveis, é o eixo central desse desenvolvimento, pois vai dar diferentes contornos ao olhar, toque e textura. Assim sendo, o autor aponta que a tela, por apresentar uma realidade neutra, limitaria essa rica e necessária possibilidade de trocas afetivas fundamentais nos primórdios da vida psíquica, na convocação dessa subjetividade nascente.

A seguir, o texto de Isabela Lemos Arteiro e Maria Consuêlo Passos, *Um arranjo possível diante da solidão materna: a escrita em blogs de maternidade*, põe em cena a contemporaneidade da construção da parentalidade, especificamente a maternalidade e o uso da tecnologia. As autoras tomam por base o trabalho de vários psicanalistas que pontuam a importância para a mulher ao

engravidar em contar com uma rede de apoio formada por outras mães, incluindo as avós, para lidar com a complexidade de emoções decorrentes do tornar-se mãe. Entretanto, a sociedade atual se transformou, e a construção dessas redes tradicionais também. Mas, as mães do século XXI, de forma criativa e espontânea, usando a tecnologia, ferramenta que o mundo contemporâneo lhes oferece, repaginou essa rede de apoio tão necessária às mães, com outras características, mas com o mesmo objetivo. Surgem assim os *blogs* de maternidade, uma construção virtual de uma rede materna de apoio às mães. As autoras nos descrevem detalhadamente a função desses *blogs* para as mães, apresentando igualmente uma análise crítica sobre estes espaços virtuais. O interesse deste texto está em nos possibilitar uma reflexão sobre o protagonismo destas mães em se servir da tecnologia como uma aliada na construção de laços entre elas, exemplificada na criação destes *blogs* de maternidade.

No texto *Observação de bebês e presenças midiáticas*, de Edilaine B. Pugliese *et al.*, as autoras pesquisaram a influência do uso da tecnologia na vida cotidiana dos pais e do seu bebê e seus impactos na construção da subjetividade do bebê, tendo por base o trabalho de observação de bebês através do método Esther Bick. Algumas das descrições apresentadas no texto surpreendem o leitor, pois se trata de atitudes e formas de funcionamento onde a tecnologia já está tão fortemente incorporada no nosso cotidiano que nos esquecemos da sua novidade. As autoras estudaram minuciosamente os relatos dessas observações, tendo como eixo de análise a teoria psicanalítica em diálogo com outros saberes. A singularidade do trabalho está sobretudo em realizar tal análise com ênfase nos aspectos benéficos do uso da tecnologia na vida desses bebês e de suas famílias. Ou seja, foi demonstrado que o uso dessas mídias pode também ser um canal que possibilite a criação de vínculos afetivos e de contato social entre o bebê, seus pais e familiares. Cabe ressaltar que o bebê também aparece aqui como protagonista, construindo a sua própria história, como Serge Lebovici sempre nos lembrava. Somos, assim, surpreendidos com o relato de uma cena onde o bebê em questão pôde “rolar” do cantinho onde a mãe o colocou sozinho com o *tablet*, para ver o que estava “rolando” no cômodo ao lado, onde sua mãe se encontrava na presença de outros familiares. Trata-se assim de texto relevante para o estudo da complexa relação entre a tecnologia e a construção das subjetividades contemporâneas, oferecendo novos parâmetros de reflexão.

A segunda parte do livro nos convida a refletir sobre os *cuidados básicos, educação e cultura: das redes necessárias para a constituição do sujeito*. Como diz o ditado africano *é preciso uma aldeia para se educar uma criança*. Desta

forma, os textos aqui apresentados nos convocam a refletir sobre de que forma a nossa aldeia contemporânea contribui na construção do humano, assim como no caminho que ainda precisa ser percorrido para tal fim. É assim colocado em pauta o papel do Estado e da sociedade civil, de uma forma geral, na construção de políticas públicas e de dispositivos educativos e terapêuticos que possibilitem a construção de uma rede social de apoio aos nossos bebês e aos seus pais e cuidadores, rede tão necessária nos primeiros anos de vida do bebê para auxiliá-lo na construção da sua subjetividade.

Dentro deste contexto, o texto intitulado *políticas públicas para a proteção do bebê*, de Ana Cecilia S. L. Sucupira e sua equipe, trazem importantes reflexões acerca das leis brasileiras criadas para proteger nossos bebês, como a licença maternidade e a licença paternidade. É feita uma análise muito criteriosa destas leis, mostrando seus benefícios na construção do vínculo afetivo entre o bebê e seus pais, assim como propostas de modificação de algumas delas, sugestões sempre amparadas nas pesquisas realizadas sobre esta questão. O ponto alto deste trabalho é apresentar os resultados dos projetos sociais desenvolvidos pelas autoras em Sobral, no Ceará, os quais se transformaram em políticas públicas nessa região, pois possibilitaram a diminuição da mortalidade materna e infantil. A criatividade e inventividade das autoras nos cativa na apresentação destes programas e nos mostra que é possível mudar cenários catastróficos de mortes e desigualdades sociais no nosso País, esses projetos são a prova viva disso.

Inevitavelmente, este texto nos convoca também a refletir sobre o que está sendo feito em termos de políticas públicas com esta população nas demais cidades brasileiras. Infelizmente, somos confrontados com a constatação da precariedade do desenvolvimento de políticas públicas que priorizem esta parcela da nossa população em muitas das nossas cidades, o que é lamentável. As autoras finalizam o texto abordando uma temática que se encontra no centro das discussões atuais na nossa sociedade, isto é, o racismo estrutural. Destacam a existência de situações de racismo nos órgãos públicos e das graves consequências daí decorrentes, visto que as decisões pautadas com base em preconceitos promovem grave retrocesso, prejudicando a construção de laços afetivos entre as nossas crianças e seus pais.

Na sequência, o texto de Christine Davoudian, *Mas para onde foi o pai?* enfoca questões contemporâneas sobre o lugar do pai. A autora constata que, apesar das mudanças sociais no papel do pai, com a sua maior inclusão na esfera doméstica, do cuidado e educação do filho, aliadas aos resultados das pesquisas psicanalíticas, dentre outras, sobre a importância da presença do pai

nos primeiros anos de vida do bebê, tanto para o seu desenvolvimento psíquico, como na construção da paternidade, ainda se encontram dificuldades em se incluir o pai no início da vida do seu bebê, inclusive por parte dos profissionais de saúde. O texto apresenta um questionamento relevante e convida toda a sociedade a uma reflexão acerca desta questão, e sugere a criação de espaços terapêuticos onde o pai possa transitar, em função da sua importância, assim como a da mãe, na constituição subjetiva do bebê.

Dentro desta proposta de se pensar a rede social que cuida do bebê, a creche tem papel fundamental. Neste sentido, os próximos dois trabalhos tratam do papel da creche, da escola para bebês e de sua importância na constituição da subjetividade dos bebês. Em *Contribuições de Elinor Goldschmied e Donald Winnicott para os cuidados e a educação de bebês*, Paulo Sergio Fochi e Bianca Sordi Stock desenvolvem importantes considerações acerca da pedagogia da creche, com a descrição de ideias que integram reflexões psicanalíticas e pedagógicas, tanto acerca da construção do espaço físico da creche quanto de propostas metodológicas sobre o trabalho do professor de bebês. Os autores apontam a relevância do estudo e pesquisa acerca da especificidade dos bebês em contexto de vida coletiva, como é o caso da creche, o que vai auxiliar os profissionais em questão na construção dessa pedagogia particular. Apontam também a importância de se criar espaços de discussão interdisciplinar com objetivo de auxiliar os profissionais que cuidam dos bebês na constante reflexão sobre seu significativo trabalho.

No texto *Arte contemporânea, bebês e crianças bem pequenas: que conversa é essa?* Maria Paula V. Zurawski defende enfaticamente a importância do ensino da arte contemporânea para bebês e crianças pequenas nas creches, mostrando a estreita relação entre a criatividade do bebê e a produção artística da arte contemporânea. Partindo de descrições relevantes e atuais acerca desta relação, a autora demonstra que o ensino da arte se apresenta como mais um instrumento de abertura da criatividade e de conhecimento do mundo, favorecendo o desenvolvimento da subjetividade do bebê, assim como da sua interação social. Arte contemporânea é assim apresentada neste belo trabalho como um sopro de vitalidade para o desenvolvimento do bebê e da criança pequena.

A terceira e última parte do livro, intitulada *Atualizações da clínica da primeira infância: riscos, intervenções e patologização*, nos apresenta textos que tratam da descrição dos quadros clínicos e das atuais propostas de intervenções terapêuticas com o bebê e a criança pequena que apresentam quadros de grave sofrimento psíquico, assim como propostas terapêuticas para os seus pais. Observamos através da leitura destes textos a potência do arcabouço teó-

rico-clínico psicanalítico, assim como de outras áreas, na construção de modelos de compreensão e de tratamento extremamente sofisticados acerca das graves patologias psíquicas da primeira infância. A criatividade dos profissionais se faz igualmente presente na diversidade das propostas de intervenções terapêuticas apresentadas, as quais promoveram resultados promissores demonstrados nas mudanças e transformações verificadas nos sujeitos em tratamento, descritas nos relatos dos diversos casos clínicos apresentados nos textos em questão.

Outro aspecto enfatizado nesta parte do livro se refere à atual intensificação, sobretudo após a pandemia, do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas crianças e a consequente psiquiatrização da infância. Trata-se de questão contemporânea e de grande relevância, sobretudo para os profissionais de saúde e de educação pelas graves consequências psíquicas e socioculturais que este diagnóstico pode provocar nas crianças e em suas famílias, sobretudo quando ocorrem diagnósticos equivocados. O referencial psicanalítico serve de bússola para orientar as pesquisas desenvolvidas acerca desta situação, as quais conciliam um olhar que abarca a complexidade do tema, não perdendo de vista a singularidade de cada criança e de sua família, aspectos fundamentais que os textos aqui descritos nos convidam a considerar.

O texto de Anne Brun, *Formas de expressão corporal do sofrimento psíquico em crianças psicóticas e autistas e cuidados pelas mediações terapêuticas*, descreve a importante articulação desenvolvida pela autora entre o processo criativo na arte e o trabalho de mediação terapêutica com crianças psicóticas e autistas. Tendo como base a teoria psicanalítica, a autora nos apresenta de que forma o trabalho de mediação terapêutica pode possibilitar a elaboração de traumas muito do início da vida, através do processo de simbolização. O seu relevante trabalho nos mostra a possibilidade de tratamento de graves patologias, como é o caso da psicose e do autismo em crianças através da psicanálise, com o auxílio da mediação terapêutica, que certamente vai servir de inspiração para os profissionais que trabalham com esta questão, auxiliando-os na sua prática clínica.

A clínica da psicomotricidade é tema de interesse atualmente pela sua importância no tratamento de patologias graves na primeira infância. Claudia Ravera, no seu texto “*Sinto que meu filho se perde!*”: aumento alarmante de consultas de meninos pequenos com desvios de desenvolvimento psicomotor, apresenta a preocupação que observa na sua clínica com o aumento de dificuldades nos bebês e as dificuldades dos pais na compreensão do que se passa

com seu filho, assim como do preocupante aumento do diagnóstico de TEA. A autora desenvolve uma significativa articulação entre a clínica da psicomotricidade com crianças pequenas e a teoria psicanalítica, no sensível trabalho que realiza com crianças e nos apresenta um enfoque que valoriza o caráter da espontaneidade do encontro intersubjetivo entre o psicomotricista e a criança pequena. O foco deste encontro é a criança como um sujeito em si e em torno dela são construídas as técnicas do trabalho psicomotor. Nesse sentido, assim como para o psicanalista, a autora fala da importância da formação permanente do psicomotricista, visto que ao longo do seu trabalho este profissional vai criar a sua própria técnica, mas tendo como eixo de trabalho o fato de que ele está trabalhando em interação com a criança.

Na clínica com bebês e crianças pequenas a criação de dispositivos terapêuticos grupais é de suma importância, pela riqueza de possibilidades terapêuticas que esse encontro favorece. Essa proposta de trabalho grupal é desenvolvida em dois textos. Em *Grupo terapêutico interativo com pais e crianças pequenas do Lugar de Vida: uma proposta de resgate do prazer parental*, de Maria Eugênia Pesaro *et al.*, o trabalho proposto se apoia numa perspectiva interdisciplinar. A autora e seus colegas desenvolveram dispositivos terapêuticos grupais, pois apostam na ideia de que o encontro entre crianças tem efeitos subjetivantes. Outro aspecto deste relevante trabalho se refere à inclusão dos pais nesta modalidade de tratamento. É estimulante ver a articulação entre a teoria psicanalítica e a clínica grupal com crianças e seus pais, onde o dispositivo clínico se amplia e se configura como um espaço transicional, possibilitando assim que mudanças e transformações ocorram nesse brincar compartilhado, estimulados a partir deste dispositivo terapêutico.

O trabalho com grupos também é tema do texto *Relato de uma experiência de atendimento em grupo de bebês com suspeita de “transtornos do espectro do autismo” e suas famílias*, de Eliane Pessoa *et al.*, que se refere ao importante trabalho desenvolvido com bebês em risco psíquico e seus pais, num serviço público de alta complexidade, o CAPSI de Macaé. Além da importância do desenvolvimento de uma modalidade de intervenção grupal com bebês com grave sofrimento psíquico e seus pais, a relevância deste trabalho se apresenta igualmente no fato de que este trabalho é desenvolvido numa unidade pública de saúde. Constatamos aqui o desejo destes profissionais em construir novas modalidades de intervenção para esta clientela, tendo por base a teoria psicanalítica. Através do relato das vinhetas clínicas, acompanhamos a criação de uma rede pública de cuidados a esses bebês e suas famílias, cujos resultados são estimulantes.

O tripé: pesquisa, assistência e formação, na clínica psicanalítica com bebês com grave sofrimento psíquico foi tema de dois textos significativos. Em *Saúde e sofrimento psíquico no contexto das relações iniciais: reconhecimento e intervenções psicanalíticas em cena*, de Mariângela Mendes de Almeida, Maria Cecília Pereira da Silva e colaboradoras, somos apresentados a pesquisa desenvolvida na parceria entre duas instituições de ensino, que uniram esforços na construção de construtos teóricos e propostas de intervenções clínicas para cuidar de casos com grave sofrimento psíquico na primeira infância. Os resultados demonstraram a relevância do olhar psicanalítico na criação de espaços sensíveis de escuta às ansiedades parentais, as quais foram articuladas ao sofrimento do bebê. O relato e a análise das vinhetas clínicas, que foram registradas em vídeo, auxiliam o leitor a acompanhar a evolução do trabalho desenvolvido com estes bebês e suas famílias e são fonte relevante de transmissão de saber para os profissionais que trabalham com esta população.

O texto *Intervenções oportunas em bebês com sinais de risco em saúde mental*, de Vera B. Zimmermann *et al.*, fala também da confluência desse tripé e da importância da utilização da psicanálise na construção de projetos de pesquisa e intervenção, sobretudo na rede pública de saúde. A importante pesquisa desenvolvida pelas autoras põe em evidência o valioso trabalho de intervenção precoce. Através do relato de vinhetas clínicas, as autoras mostram os efeitos terapêuticos transformadores nos bebês e em seus pais, a partir das diferentes propostas de trabalhos desenvolvidos com equipe interdisciplinar. Questionam a simplificação e normatização com que o diagnóstico de TEA tem sido dado, mostrando a complexidade desta questão, que demanda um olhar individualizado a cada uma dessas crianças e suas famílias. O enfoque relacional, com foco na observação da qualidade do vínculo pais-bebê, dos aspectos familiares, são fatores relevantes que ampliam o leque de entendimento destas situações, podendo inclusive oferecer outras possibilidades de entendimento do sofrimento psíquico, que nem sempre se referem especificamente ao diagnóstico de autismo.

O texto *A construção da função materna nas situações em que o recém-nascido é diagnosticado com uma patologia crônica*, de Patrícia L. Paione Grinfeld, se refere à delicada questão da construção da função materna no caso de recém-nascido com patologia crônica. Trata-se de trabalho relevante para os profissionais que trabalham com essas mães e seus bebês, no entendimento do funcionamento do psiquismo dessas mães. A autora realizou uma pesquisa consistente e aponta a complexidade do tornar-se mãe, onde as facetas de amor e ódio se amplificam diante desse bebê. Na análise dos casos apresentados, é

demonstrada a relevância da escuta psicanalítica oferecida para essas mães, a qual possibilitou, a cada uma delas, a elaboração da ambivalência de afetos em questão, abrindo caminho para construção do seu tornar-se mãe do seu bebê.

Assim como os bebês, nós, profissionais, também herdamos conhecimentos, reflexões, experiências que nos são transmitidas por nossos colegas e que nos auxiliam no nosso ofício. Dessa forma, este livro merecidamente homenageou alguns desses profissionais que haviam falecido antes da realização deste último Encontro da ABEBÊ. Foram assim homenageados a colega Silvana Rabello, pesquisadora sobre os bebês e sempre presente nestes Encontros, o colega e grande amigo da ABEBÊ Victor Guerra, importante teórico da clínica pais-bebê, que apresentou seus trabalhos em vários Encontros, nos brindando com seu conhecimento. E a querida colega Ângela Rabello, que além de ter sido membro fundador da ABEBÊ, também era membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, onde idealizou e foi uma das fundadoras do grupo de pesquisa *Primórdios da vida psíquica, a clínica dos primeiros anos*.

Como diz Bernard Golse, a importância dos estudos sobre o bebê ultrapassa a questão dos bebês em si. Trata-se aqui de um olhar que inclui uma visão da construção do humano na sua complexidade: do seu nascimento, seu desenvolvimento, sua psicopatologia, assim como a forma como a atualidade o caracteriza. A esse respeito, Salvador Celia sempre nos lembrava da nossa responsabilidade em relação ao bebê, pois apesar de ele representar o futuro, ao mesmo tempo e paradoxalmente, este futuro está atrelado às nossas ações no presente.

Nesse sentido, cabe lembrar as palavras das organizadoras deste livro, quando dizem que “cada nascimento traz um enigma: é a chegada de um novo humano na cultura, por assim dizer um estrangeiro, que pede acolhimento. Se um bebê é um estrangeiro precisa ser adotado por sua cultura: pais, família, adulto cuidador, rede social”.

Confiante na potência da clínica pais-bebê, no olhar criativo e inovador que nos oferece para refletirmos acerca da complexidade da construção da subjetividade humana, convido a todos à leitura das pesquisas desenvolvidas sobre a clínica dos primórdios da vida psíquica, momento particular onde as histórias humanas se iniciam. Estas pesquisas podem servir de inspiração na construção de um mundo que auxilie o bebê a se tornar cada vez mais sujeito da sua própria história. Esse é o chamado a que a clínica pais-bebê nos convoca, e que se encontra expresso neste livro: priorizar a construção de um olhar ético e respeitoso para o bebê e seus pais. Aqui está a aposta em um novo amanhã.

Boa leitura para todos!